Bolita, bodoque e *pandorga:* variantes hispânicas na fala rural da região sul do Brasil

Patrícia Graciela da Rocha[1]

Resumo: Este trabalho é parte de uma pesquisa realizada com base em dados e mapas lingüísticos do ALERS[2], a qual analisa variantes lexicais do português falado no Sul do Brasil, consideradas como empréstimos do espanhol. O objetivo é identificar variantes lexicais de origem castelhana incorporadas ao português falado no Sul do Brasil e delimitar as áreas de uso dessas variantes nos três estados sulinos. O estudo segue os princípios da teoria dialetológica, que tem a tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica. O método utilizado é o da Geolinguística Tradicional.

Palavras-chave: Variantes hispânicas. Região Sul. Empréstimos lexicais.

Introdução

O objetivo deste trabalho é identificar e analisar variantes lexicais de origem castelhana incorporadas ao português rural falado no sul do Brasil e delimitar as áreas de uso dessas variantes nos três estados sulinos. Todavia, nos deteremos aqui a descrever e analisar mais detalhadamente as variantes hispânicas que fazem parte do campo semântico *brinquedos e divertimentos,* no qual encontramos as palavras *bolita, bodoque e pandorga.* O presente estudo segue os princípios da teoria dialetológica, que tem a tarefa identificar, descrever e situar os

[1] Doutoranda em Linguística na UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina). Professora Assistente de Letras/Português-Espanhol na UFMS (Universidade Federal do Mato Grosso do Sul). E-mail: patrigraciro@gmail.com.

[2] Atlas Linguístico Etnográfico da Região Sul.

*Revista Língua & Literatura*FWv. 11n. 17p. 165-183 Dez. 2009. Recebido em: 29 set. 2009. Aprovado em: 04 dez. 2009.

diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica.

1. Contextualização histórico-social dos empréstimos castelhanos

Koch (2000, p. 59) aponta entre os principais determinantes das variantes do português falado na Região Sul: a) a chamada de colonos açorianos; b) o prolongado contato com o espanhol no extremo sul; c) o papel dos tropeiros paulistas no comércio de gado e d) o assentamento de imigrantes não-lusos nas áreas florestais. Para o autor, "em conseqüência do longo convívio de hispânicos e lusos na fronteira sul, adstratos[3] do espanhol no português temporariamente podem ser registrados até no Paraná" (KOCH, 2000, p. 59).

Os levantamentos feitos para o ALERS revelam, de acordo com esse autor, o desaparecimento quase total desses adstratos, conseguindo-se manter alguns vestígios apenas no nível semântico-lexical, em três situações distintas:

a. Tipo 1: Hispanismos- *jugo* (canga), *piola* (barbante), *esquilar* (tosar) e *planchar*[4] (passar ferro). Segundo Koch, eram largamente usados em toda a parte meridional do Rio Grande até o começo do século XX, mas hoje ocorrem apenas isoladamente numa faixa de aproximadamente 200 km de largura ao longo da fronteira com o Uruguai, paralelamente com os equivalentes portugueses, que os vêm substituindo.

b. Tipo 2: palavras como *rastilho* (ancinho), que conseguiu resistir na região fronteiriça ao avanço de dois heterônimos. Segundo Koch (op. cit.), o termo luso *ancinho* se impôs em todo o sudeste do Estado do Rio Grande do Sul, enquanto *rastelo*, emprestado do italiano, se tornou a variante predominante no noroeste. Como este último termo também pertence ao vocabulário da língua portuguesa, mas como designação do pente usado no tratamento do linho ou da grade triangular dentada para aplainar a terra arada, pode ter havido uma adaptação de significado provocada pela semelhança com o espanhol.

c. Tipo 3: palavras como *cerro, coxilha, monte, morro.* Acontece quando um termo espanhol e seus sinônimos correspondem a um conjunto de equivalentes no português, dos quais um ou dois são idênticos aos termos espanhóis, como no caso de *cerro* e *coxilla* do espanhol,

---

[3] Por adstrato entende-se a situação de influência entre duas línguas que, havendo convivido um tempo em um mesmo território, logo vivem em territórios vizinhos. Este é o caso do caso do Vasco, antigo substrato, e hoje adstrato do castelhano (ELIZAINCIN, 1992, p. 46-47).

[4] Não trataremos de todas essas palavras nesse estudo pelo fato de que nem todas fazem parte do questionário do ALERS.

monte, morro, cerro e *coxilha* no português. Conforme o autor, os dois últimos representam as formas absolutamente predominantes em dois terços do Rio Grande, não sendo registrados nos Estados vizinhos, onde o heterônimo é *morro*.

Para Sturza (2005, p. 48), dentre as fronteiras do Brasil com os demais países hispano-americanos, a fronteira com a Argentina e o Uruguai, na bacia do rio da Prata é, sem dúvida, "onde o contato lingüístico foi historicamente determinado pelas línguas do Estado". Para a autora, nessa fronteira, o contato lingüístico entre o português e o espanhol "é decorrente de um século de litígios pelo domínio dos territórios, de uma política expansionista de ocupação da região e militarização das áreas", além do desenvolvimento de povoamentos e de um intercâmbio econômico, cultural e social já consolidado.

Ainda de acordo com a mesma autora, um bom exemplo de que, na fronteira com os países da bacia do rio da Prata, o contato entre as comunidades fronteiriças é regular e contínuo é a recente decisão dos governos brasileiro e uruguaio de expedir uma Carteira de Identidade de "fronteiriço" para os chamados *doble chap*, moradores que vivem ao longo da faixa fronteiriça, que abrange 900 km de distância e até 20 km de largura para dentro do território de cada país. Para Sturza (2005, p. 48), "esse fato, no alvorecer do século XXI, registra o reconhecimento da fronteira compartilhada, de um lugar menos imaginário, de um lugar que tem uma dinâmica social muito particular" e que parece ser sustentada pelo movimento migratório das populações e suas sucessivas transgressões territoriais.

Tudo isso deixou – e continua deixando – traços lingüísticos, tanto lexicais, como fonológicos, morfológicos e sintáticos, como mostram Margotti e Vieira (2006, p. 253-254), que citam, entre outros vocábulos, *coxilha* como tomado do espanhol platino, que significa campina com pequenas e continuadas elevações na qual se desenvolve atividade pastoril, e sanga. Esta última palavra, segundo o Dicionário Aurélio (1985, p. 1267), também deriva do espanhol platino *zanga* e significa: a) pequeno regato, que seca facilmente; b) escavação profunda no terreno, produzida pelas chuvas ou por corrente de águas subterrâneas.

Segundo os autores acima mencionados, a origem do vocábulo *sanga* e sua difusão por todo o planalto e oeste catarinenses "são indícios de que o mesmo tenha migrado juntamente com os tropeiros, num primeiro momento, e com os descendentes de imigrantes europeus que se deslocaram do sul para o norte, em momento posterior" (MARGOTTI & VIEIRA, 2006, p. 254). Dessa forma, resta investigar se esse item surge em outras áreas delimitáveis da Região Sul, e se

essas áreas coincidem com momentos de contato entre as línguas portuguesas e hispânicas, pois, conforme Margotti & Vieira (op. cit.), *sanga* ocorre em parte do extremo oeste e parte do litoral sul de Santa Catarina. O oeste catarinense faz divisa com a Argentina, região, portanto, em que há contato entre as línguas, reforçando a difusão de empréstimos do espanhol. O litoral sul, por sua vez, pode ter sofrido influência de uma continuação da migração no sentido sul – norte já que, conforme Espiga (2006, p. 265), entre 1763 e 1777, os hispânicos dominaram as posições fronteiriças portuguesas de Santa Tereza, São Miguel e Chuí, e avançaram pelo litoral tomando a vila de Rio Grande. Depois de se difundirem em território do Rio Grande do Sul, certos traços do espanhol, como é o caso do item lexical *sanga*, foram transportados para outras regiões além das fronteiras estaduais.

No lado uruguaio, Thun (1998, p. 713) ilustra, com o item *canhoto,* a colaboração de duas influências adstráticas, a do contato direto entre falantes lusos e hispânicos e a do contato a distância, estabelecido pela rádio e a televisão. Thun (2000, p. 202) cita outras palavras portuguesas muito conhecidas no Uruguai como *bosta, cachimba* (pipa curta)*, cacimba* (poço primitivo)*, cardumen/garua/garoa* (chuva fina)*, laya* (classe de..., espécie) *e caçula* (filho mais novo). No entanto, os dados do ALERS nos mostram que a palavra *cacimba* é pouco conhecida pelos catarinenses, o que indica que esse vocábulo poderia ter sido usado no português de antigamente, mas, agora, caiu em desuso permanecendo apenas no português uruguaio. Porém, não há como comprovar isso somente com os dados de Santa Catarina; sendo assim, deixaremos essa discussão para estudos posteriores.

Espiga (2006, p. 261) afirma que o português que se fala no extremo meridional do Brasil é um contínuo lingüístico permeado, em várias dimensões, pelo espanhol que historicamente lhe faz contato. Para ele, "geograficamente, tal contínuo lingüístico distribui-se ao longo das fronteiras políticas do Rio Grande do Sul com os países do Prata, tendo sido, por isso, denominado, no âmbito de alguns estudos lingüísticos, como PGF – Português Gaúcho de Fronteira". Já no lado uruguaio, mais especificamente no norte e nordeste, o conjunto de dialetos resultantes do contato português-espanhol tem recebido o nome de DPU – Dialetos Portugueses do Uruguai.

Para Espiga, os estudos da situação de contato lingüístico nessas regiões de fronteira tornam-se fundamentais para a política e educação nesses países, tanto no sentido de estabelecer políticas de integração que reconheçam e respeitem as peculiaridades culturais e lingüísticas

regionais, quanto para auxiliar ações pedagógicas adequadas a essas especificidades. Aliás, o estudo desse contato é fundamental para compreender a interação entre o português e o espanhol, sincrônica e diacronicamente, e também o funcionamento da variação lingüística, no conjunto dos dialetos portugueses do Brasil e do Uruguai, além de projetar tendências e rumos de mudanças.

2. Metodologia

O método utilizado para o levantamento e apresentação dos dados é o da geolinguística tradicional, utilizado pelo ALERS, projeto que se originou em 1980 com um grupo interdepartamental para o Estudo da Variação Lingüística do Rio Grande do Sul, no Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O intuito principal do Grupo consistia na retomada das pesquisas dialetológicas de Heinrich A. W. Bunse, que anos atrás já havia iniciado levantamentos preliminares para a elaboração de um Atlas lingüístico do Rio Grande do Sul. Em 1987, formou-se a equipe interinstitucional constituída de três grupos estaduais, sediados na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Universidade Federal do Paraná (UFPR), e iniciou-se a execução do projeto.

Os objetivos desse empreendimento são: 1) registrar e organizar, sob forma de um Atlas lingüístico-etnográfico, as variantes geolinguísticas – fônicas, morfossintáticas e semântico-lexicais – da língua portuguesa falada na área rural da Região Sul do Brasil, registradas em localidades representativas, segundo critérios previamente fixados; 2) registrar e apresentar, sob a forma cartográfica ora descritiva, as variantes de igual natureza, coletadas em seis dos maiores aglomerados urbanos de Santa Catarina e Paraná e sete no Rio Grande do Sul, perfazendo dezenove na Região; 3) nos pontos de inquérito, tanto rurais quanto urbanos, fazer o registro de discursos livres; 4) em pontos de inquérito em meio rural, proceder ao registro de aspectos da cultura local: edificações, mobiliário, utensílios domésticos, vestuário, instrumento de trabalho, instrumentos de música, jogo e brinquedos, crenças e superstições e; 5) constituir um banco de dados lingüísticos e etnográficos, mantido sob a forma de fitas magnéticas, disquete e programa de computador, fichas gráficas, desenhos e fotografias, para subsidiar estudos sobre áreas lingüísticas e culturais da Região Sul do Brasil. É a partir desse banco de dados de fala rural que se debruça a presente pesquisa.

As variantes apresentadas a seguir percorreram a seguinte trajetória de análise: 1) verificação visual dos mapas a fim de verificar se havia alguma arealização dos itens que se aproximasse das regiões de fronteira do Sul do Brasil com os países hispânicos vizinhos; 2) identificação dos significados das variantes no Dicionário da Real Academia Espanhola (DRAE); 3) apuração dos significados das variantes no Novo Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa; 4) averiguação dos significados encontrados em outros dicionários regionalistas brasileiros e/ou hispânicos com comentários relevantes para a descrição mais apurada de algumas variantes (*Dicionário Gaudério; Vocabulário Pampeano – pátrias– fogões – legendas; Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul; "Doctus" Nuevo Diccionario Castellano; El Habla del Pago; Diccionario Lunfardo*[5] entre outros) e, por fim, 5) verificação dos fatores culturais, históricos, sociais, econômicos, étnicos que podem ter influenciado a arealização ou a existência dessas variantes hispânicas em determinados lugares, além de comentários de nativos hispanofalantes sobre os itens referidos[6].

3. Variantes hispânicas

Para que pudéssemos sugerir que, neste trabalho, uma palavra usada na Região Sul do Brasil (falante de português brasileiro) é empréstimo ou não do espanhol, seja ele platino, americano ou europeu, elegemos alguns critérios. São eles: 1) formar uma arealização geolinguística clara na Região Sul do Brasil em direção à fronteira com os países hispanofalantes vizinhos (Uruguai, Argentina e Paraguai); 2) estar registrada nos dicionários espanhóis e 3) constar na bibliografia consultada como empréstimos do espanhol.

De acordo com esses critérios encontramos, a partir dos dados oferecidos pelo ALERS, vinte e uma variantes hispânicas, dentre as quais elegemos três para expor e analisar neste trabalho, todas elas pertencentes ao campo semântico *brinquedos e divertimentos.*

4.1 Bolita

Com o objetivo de levantar variantes lexicais usadas para designar *bolinha de gude*, o ALERS fez a seguinte pergunta: (*Como se chamam) as coisinhas redondas de vidro com que os*

[5] Por Lunfardo entende-se: **"**Ladrón 2. Jerga del ladrón porteño ('En el *lunfardo* [palabra que designa al mismo tiempo a la jerga y los que se valen de ella] de los ladrones bonaerenses, se nota muchas locuciones cuyo empleo a todas luces revela la necesidad de recurrir en ciertos casos a una jeringoza especial…', Drago, Los hombres…, 66). 3. Lenguaje que emplea en Buenos Aires la gente de mal vivir […] 4. Lenguaje popular de Buenos Aires y sus aledaños." (OLIVEIRA, 2005.p.1240125).

[6] Esses comentários foram retirados dos questionários aplicados aos nativos, via e-mail.

meninos gostam de brincar? Os resultados podem ser visualizados na figura 01, que corresponde ao mapa 302 do ALERS e ao item 513 do QSL.

Como pode ser constatado no mapa da figura 01, a palavra que se destaca na Região Sul é *bolita,* porém bem arealizada, abrangendo a região Centro-oeste do Rio Grande do Sul, Oeste de Santa Catarina e Oeste do Paraná, seguida pela variante *burquinha (o),* que está mais restrita ao Norte e Leste do Paraná e as variantes *bolinha de vidro* e *clica*, esta restrita à região do Vale do Itajaí em Santa Catarina e a primeira abrangendo o Sul e Leste do Estado com algumas ocorrências o norte do Paraná. No entanto, na maior parte do RS a variante predominante é *bolita,* representando mais de 60% das respostas ao QSL do ALERS e concorrendo com poucas ocorrências de *bolinha de gude* na região litorânea e serrana.

Para o DRAE[7] a palavra *bolita* (na Argentina chamado de *canica*) vem do francês dialetal *canique,* e este do neerlandês *knikker*, derivado do verbo *knikken* ou *knicken* que quer dizer romper ou quebrar e que, hoje, diz-se de um jogo das crianças que se faz com bolas pequenas de barro, vidro ou outra matéria dura. Já para o Aurélio, *bolita* vem do espanhol platino *bolita,* considerado como um brasileirismo do Rio Grande do Sul onde significa gude (jogo infantil em que se procura fazer entrar em três buracos bolinhas de vidro, ou os carocinhos pretos do fruto do saboeiro, ganhando o jogador que chega rimeiramente de volta ao primeiro buraco).

[7] DRAE- Dicionário da Real Academia Espanhola

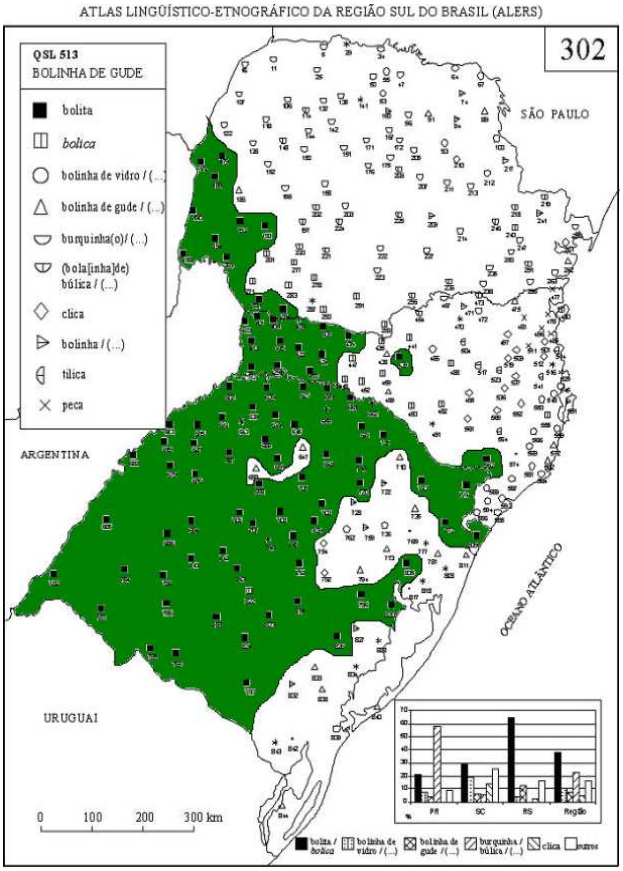


FIGURA 01 – MAPA CORRESPONDENTE AO ITEM 513 DO QSL – BOLINHA DE GUDE
VARIANTE HISPÂNICA: BOLITA.
Fonte: (ALERS).

Garcia (1953) propõe que *bolita* é simplesmente o diminutivo de bola em espanhol, e que, na América (Argentina), pode significar tatu ou bola de gude. Nunes & Nunes (2003) sugerem que *bolita* ou *bolica* são sinônimas, e remetem a uma pequena bola de vidro ou de ágata com que os meninos jogam; pode também ser o nome do jogo feito com essas bolas. Nosso informante argentino acrescenta que, no Rio da Prata, *bolita*, além de ser o jogo infantil já mencionado, designa também pessoa nascida na Bolívia.

4.2 Bodoque

Com a intenção de levantar variantes lexicais usadas para designar *estilingue*, o ALERS fez a seguinte pergunta: *(Como se chama) o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha?* Os resultados podem ser visualizados na figura 02, que corresponde ao mapa 303 do

ALERS e ao item 514 do QSL. Como pode ser examinado no mapa da figura 02, a variante que se sobressai na Região Sul é *bodoque,* que corresponde a pouco mais de 30% das respostas em toda a Região, distribuindo-se predominantemente em todo o Centro, Sul, Oeste e Norte do Rio Grande do Sul, Oeste de Santa Catarina e Oeste do Paraná. Essa variante concorre com a variante lusa *funda* usada em toda a região litorânea do RS e de SC (representando mais de 20% das respostas em toda a Região Sul), com *setra* usada na região Central de SC e no Centro e Leste do PR e com *estilingue* do inglês *sling* usada mais ao Norte do PR.

Como podemos visualizar na figura 02, a distribuição geográfica de *bodoque* coincide com a da arealização de *bolita*, como foi tratado anteriormente. Assim, seriam dois espanholismos que nomeiam brincadeiras infantis que teriam se disseminado no mesmo espaço geográfico e, provavelmente, pelos mesmos indivíduos, os quais poderiam ter sido os tropeiros, no século passado, ou os próprios migrantes gaúchos no processo de ocupação do Oeste de SC e PR, rumo aos Estados do MS.

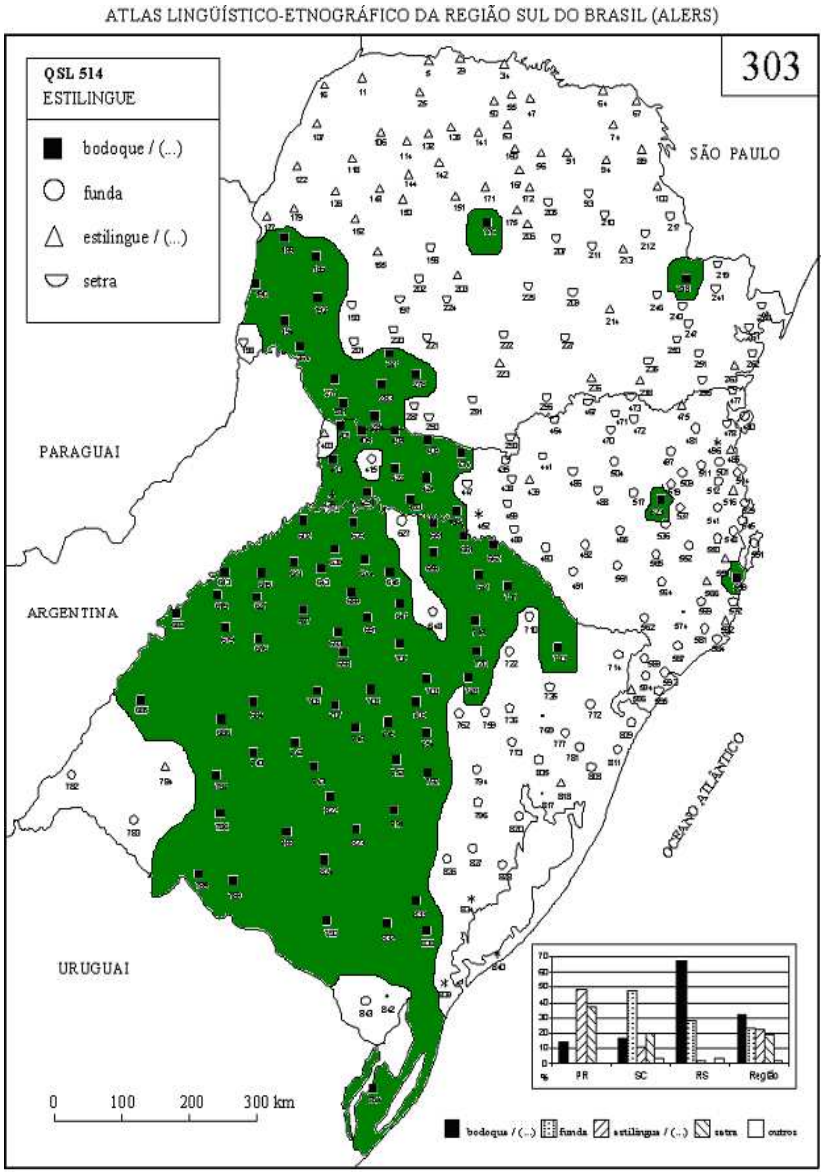


FIGURA 02: MAPA CORRESPONDENTE AO ITEM 514 DO QSL – ESTILINGUE.
VARIANTE HISPÂNICA: BODOQUE.
Fonte: (ALERS).

Quanto à origem da palavra *bodoque*, o DRAE considera como sendo do árabe hispânico *búnduq* (*avelãs*), que, por sua vez, provém do árabe clássico *bunduq,* e este do grego *κορυον ποντικον* (noz pontiaguda). Este último termo se refere a bola ou bolinha de barro feita em turquesa e endurecida ao ar, como uma bala de mosquete, a qual servia para atirar com uma arma artesanal, *ballesta* (arma formada por um arco, uma corda e um mecanismo que serve para lançar flechas de bodoques). Coloquialmente, a palavra é usada para caracterizar uma pessoa de curtos alcances, fazendo assim relação ao curto alcance da arma (o bodoque).

O Aurélio se refere ao *bodoque* como sendo derivado do grego *pontikón* e *pontikón Káryo,n* que significa noz do ponto, avelã, atribuído ao árabe *bunduq* (avelã). Aponta o termo como um brasileirismo que se usa para designar um arco para atirar bolas de barro endurecidas ao fogo, pedrinhas, etc. ou, também, qualquer dessas bolas. É sinônimo de atiradeira.

Para Garcia (1953), *bodoque* é o nome da bola que se atirava com a besta e, também, na linguagem figurada significa pessoa ignorante. Braun (1998) descreve *bodoque* como um brinquedo e arma do piazedo de bombachas, o qual é formado por duas tiras de borracha presas a um couro sovado, numa ponta e do outro lado à forquilha de madeira e, de acordo com o autor, dá uma pedrada certeira se bem espichado. Sobre o modo de construção do *bodoque*, o autor cita uma passagem do poeta tradicionalista Glaucus Saraiva:

> Depois – um par de borrachas / macias e emparelhadas, / forquilha bem aparada, / de pitangueira ou camboim, / mais um courinho e – por fim, / estava pronto o *bodoque* / para completar o estoque / de espada – trabuco – e lança, / para o caudilho criança / que havia dentro de mim. (SARAIVA, apud BRAUN, 1998, p. 62).

Para Nunes & Nunes (2003), *bodoque* é simplesmente um arco que atira pedras em vez de flechas. Já para Oliveira (2005), *bodoque* é o nome de uma forquilha de madeira ou de metal, munida de elástico, com que se atiram pequenas pedras, e usada geralmente por crianças para matar passarinhos. É conhecido também por atiradeira e estilingue.

Como se vê, *bodoque* tem dois sentidos, um tradicional e outro regional. O primeiro corresponde ao sentido descrito pelo *Dicionário Aurélio*, isto é, "arco para atirar bolas de barro"; o segundo, em resposta à pergunta do ALERS, em extensa área do Sul do Brasil, ao longo das fronteiras com os países hispânicos, significa *estilingue* ou *funda*, instrumento com o qual se atira bolas de barro ou pequenas pedras por meio de um instrumento feito de forquilha, tiras de borracha e um pedaço de couro, no qual se acomoda a pelota (bola ou pedra) que será lançada em direção de um objeto ou animal. Geralmente, na área rural, os meninos usam o *bodoque* para matar passarinhos; usam bolinhas de mamona para atirar um contra o outro.

4.3 Pandorga, pandolga, bandorga

Com a finalidade de levantar variantes lexicais usadas para designar *papagaio de papel*, fez-se a seguinte pergunta: *(Como se chama) O brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha?*

Os resultados podem ser visualizados na figura 03, que corresponde ao mapa 304 do ALERS e ao item 515 do QSL.

Como pode ser verificado no mapa da figura 03, a palavra que se sobressai na Região Sul é *pandorga*, o que, juntamente com as variantes fonéticas *pandolga* e *bandorga,* corresponde a mais de 50% das respostas em toda a Região Sul, distribuindo-se predominantemente em todo o Rio Grande do Sul, Leste e pontos no Centro e Oeste de Santa Catarina e em alguns poucos pontos no Oeste do Paraná.

No entanto, no RS as três variantes (pandorga, pandolga e bandorga) somam 90% das respostas, co-ocorrendo com poucas ocorrências das variantes *pipa* e *papagaio* em alguns pontos do Norte e Leste do Estado.

Quanto a origem da palavra, o DRAE sugere que *pandorga* seja do latim *pandurĭca* e este de *pandūra* (espécie de alaúde), que, em algumas acepções, se confunde com *andorga* (ventre, cavidade no corpo de animais vertebrados), mas diz-se também de um *cometa* (pipa, papagaio) que sobe ao ar.

Já o Aurélio admite que *pandorga* venha do espanhol *pandorga*, que se usa para designar uma música desafinada e sem compasso, ou então uma mulher muito gorda, obesa, pantufa. Além disso, é um brasileirismo que pode significar tolo ou o mesmo que papagaio por ex., "O céu povoado de inquietas pandorgas. Outros meninos erguem-nas, o dia inteiro" (LINS apud AURÉLIO, 1986, p. 1256).

Obaldía (2006) afirma que *pandorga* é o mesmo que cometa, o qual se define como um brinquedo construído com galhos e tecido ou papéis especiais, que se monta amarrando um fio e aproveitando o vento, e pode tratar-se como brasileirismo.

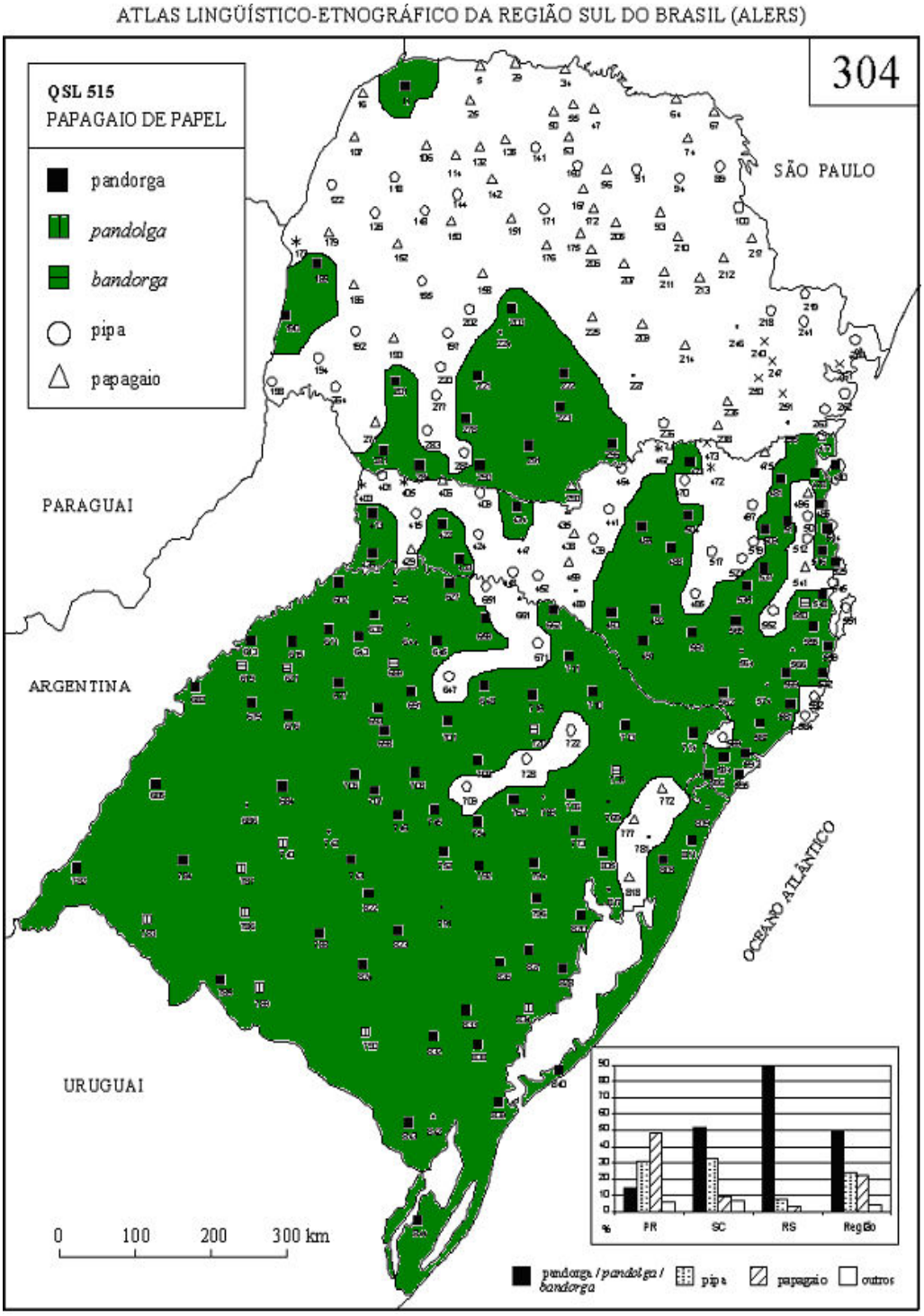


FIGURA 03: MAPA CORRESPONDENTE AO ITEM 515 DO QSL – PAPAGAIO DE PAPEL. VARIANTES HISPÂNICAS: PANDORGA, PANDOLGA, BANDORGA.
Fonte: (ALERS).

Nunes & Nunes (2003) descrevem a *pandorga* como sendo um papagaio feito de papel e, ao mesmo tempo, como um adjetivo dado a uma pessoa pateta, tola, toleirão, atoleimada, ingênua, boba, mole, sem vivacidade. Vejamos um exemplo da primeira acepção:

> Oh! Aquela pandorga, Waldemar. / Viajei com ela para a infância. / O meu quintal surgiu ensolarado. / E com ele menino dos cavalinhos de pau, / dos laços de cipó, / das pandorgas coloridas, / dos barcos de papel / que fugiam na água das sarjetas... / – Não posso ver uma pandorga, / sem chorar!"(RIPOLL apud NUNES & NUNES, 2003, p. 348).

Oliveira (2005) descreve mais detalhadamente como é feita a *pandorga*, ou seja, é o brinquedo que consiste em uma armação de varetas de bambu, ou de madeira leve, coberta de papel fino, e que, por meio de uma linha, se empina, mantendo-se no ar. É o mesmo que *pipa* ou *papagaio*.

O autor cita também uma palavra relacionada ao termo, *pandorgueiro,* que nomeia aquele que solta ou faz pandorga. Já Garcia (1953) cita o termo *pandorguear*, que na América Mexicana significa chacotear, trocar, zombar.

Considerações finais

Como vimos nas explanações acima, as variantes *bolita, bodoque e pandorga,* além de serem largamente usadas nas regiões próximas às fronteiras, alcançaram grande difusão, ocorrendo, inclusive, em regiões de baixo ou nenhum contato com o espanhol.

Como podemos visualizar nas figuras 04 e 05 abaixo, as isoléxicas[8] coincidem nas palavras *bolita e bodoque*, ou seja, elas formam uma linha imaginária que sobe do extremo sul gaúcho em direção à região central o norte desse estado, avançando em direção ao oeste de Santa Catariana e do Paraná, ou seja, as isoléxicas acompanham o caminho da migração gaúcha rumo ao centro-oeste do país como já mencionamos anteriormente.

[8] A natureza dos fatos linguisticos analisados, ou por analisar, sugere o tipo de isoglossa a ser estabelecida; assim sendo, serão traçadas isoléxica, isofônicas, isomorfas ou isoglossa sintática, de acordo com centro de interesse, seja ele, respectivamente, lexical, fonético, morfológico ou sintático. Dessa forma, uma isoléxica aponta para semelhanças designativas de um determinado falar em uma determinada região.

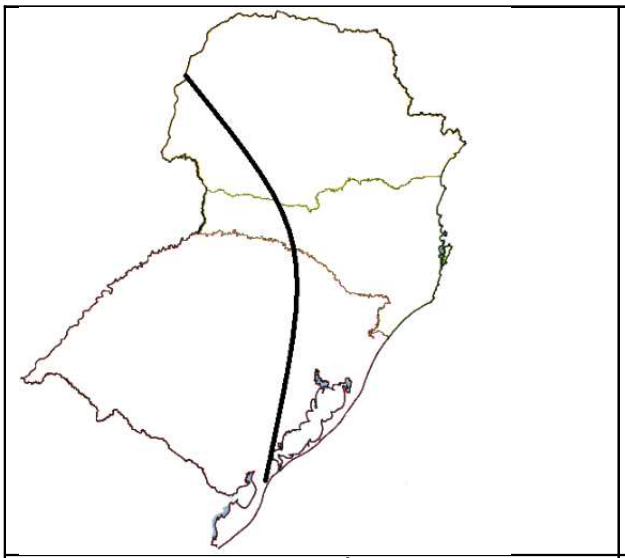


FIGURA 04: ISOLÉXICA DE *BODOQUE*

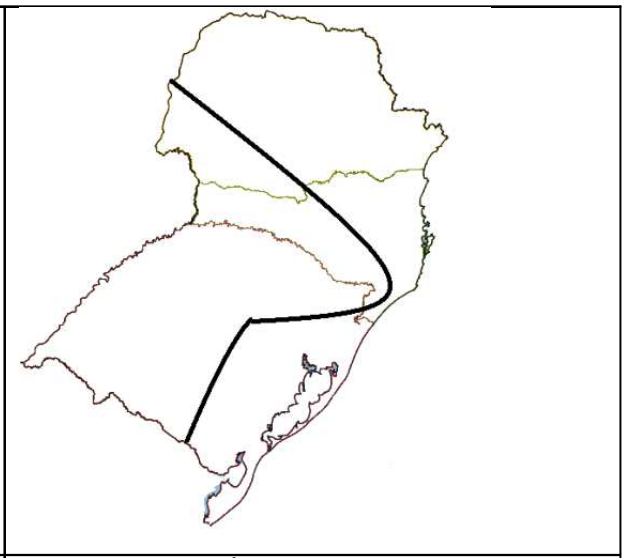


FIGURA 05: ISOLÉXICA DE *BOLITA*

Fonte: (ALERS).

Já a variante *pandorga* difundiu-se ainda mais pela região Sul, atingindo todo o estado do Rio Grande do Sul, a região central e parte do leste do estado de Santa Catarina e também no sul do estado do Paraná. Vejamos a isoléxica na figura 06 abaixo:

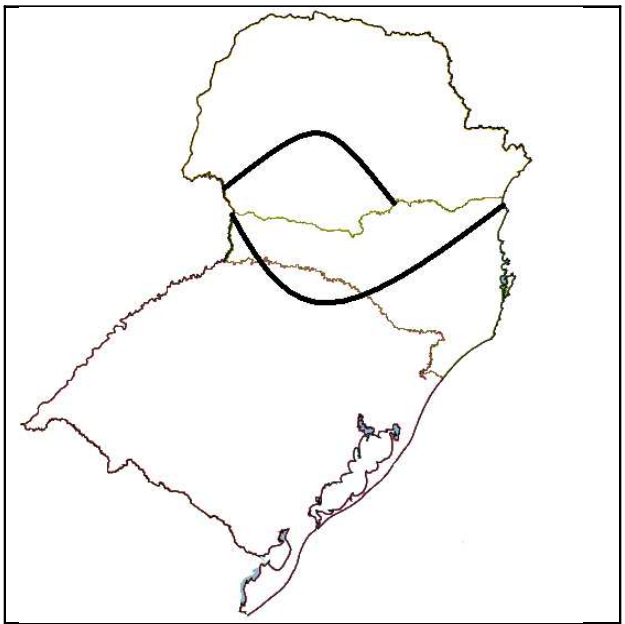


FIGURA 06: ISOLÉXICA DE *PANDORGA*

Fonte: (ALERS).

Como se sabe, o português falado no Sul do Brasil e, mais especificamente nas regiões de fronteira, onde o contato com o espanhol é mais intenso, apresenta centenas de outras palavras atribuídas a esse contato, tanto na linguagem rural quanto na linguagem urbana. Isso é facilmente comprovado na interação lingüística com habitantes desses lugares e na literatura, tanto em textos em prosa, quanto em poemas como em letras de música gauchesca. Todavia, sem o método geolinguístico de investigação, pouco se pode dizer sobre a distribuição diatópica e sobre os grupos sociais responsáveis pela difusão. Há ainda que ressaltar que as conseqüências linguísticas atribuídas ao contato português-espanhol no Sul do Brasil não se restringem aos empréstimos lexicais. Muitos outros aspectos, tanto gramaticais quanto pragmáticos-discursivos, caracterizam essa variedade de português existente nessa região. Nesse sentido, nosso estudo é uma pequena e inicial contribuição na descrição desse português.

Abstract: *This work is part of a research based on ALERS data and linguistic maps. It analyzes lexical variants of the Portuguese spoken in southern Brazil, which are regarded as loans from Spanish. The goal of this paper is to identify lexical variants from Spanish incorporated into Portuguese spoken in southern Brazil and circumscribe the areas in which these variants are used in the three southern states. This study uses the Dialectology Theory, that attempts at identifying, describing and locating different uses according to which a language can be diversified by taking into account its spatial, sociocultural and chronological distributions. To do so, the Traditional Geolinguistic method is used.*

Keywords: *Hispanic Variants. Southern Region. Lexical Loans.*

Referências Bibliográficas

ALTENHOFEN, Cléo V.; KLASSMANN, Mário Silfredo; KOCH, Walter (Orgs) *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil* (ALERS). Porto Alegre: Ed. da UFRGS; Florianópolis: Ed. da UFSC; Curitiba: Ed. da UFPR, 2002.

ESPIGA, Jorge. O contato do português com o espanhol no sul do Brasil. In: VANDRESEN, Paulino (Org.). *Variação , mudança e contato lingüístico no português da Região Sul.* Pelotas: EDUCAT, 2006.

BRAUN, Jayme Caetano. *Vocabulário pampeano*. 2. ed. Porto Alegre: EDIGAL, 1998.

BRUM, Nilo Bairros de. *Caminhos do sul*. Porto Alegre: Metrópole, 1999.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira S.A., 1986.

GARCIA, Hamilcar de. *Dicionário Espanhol-Português*. 4. ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1953.

GOBELLO, Jose. *Diccionario Lunfardo.* 4ª ed. Buenos Aires, Argentina: Pena Lillo Editor, 1982.

HOUAISS, Antonio (Ed.). *Dicionário de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KOCH, Walter. O povoamento do território e a formação de áreas lingüísticas. Contribuição do Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul ao estudo da fronteira lingüística entre o Brasil e o Uruguai. In: *Práticas de integração nas fronteiras:* temas para o Mercosul. Porto Alegre: Ed. da UFRGS; Inst. Goethe/ICBA, 1995, p.192-206.

_____. In: GÄRTNER, Eberhard; HUNDT, Christine; SCHÖNBERGER, Axel (Eds). *Estudos de geolinguística do português americano.* Frankfurt am Main: TFM, 2000 (Biblioteca luso-brasileira; v. 18).

MARGOTTI, Felício Wessling. VIEIRA, Hilda Gomes. Indicadores de áreas lexicais em Santa Catarina: subsídios para políticas de ensino de língua portuguesa. In: GÖRSKI, Edair Maria. COELHO, Izete Lehmkuhl (Org.). *Sociolingüística e ensino:* contribuições para formação do professor de língua. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2006.

NUNES, Zeno Cardoso; NUNES, Rui Cardoso. *Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul*. 10. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2003.

OLBADÍA, José María. *El habla del pago*. Montevideo, Uruguay: Ediciones de la Banda Oriental S.R.L, 2006.

OLIVEIRA, Alberto Juvenal de. *Dicionário Gaúcho.* 3. ed. Porto Alegre: AGE, 2005.

ROCHA, Patrícia Graciela da. *O português de contato com o espanhol no sul do Brasil:* empréstimos lexicais, 2008. 144f. Dissertação de Mestrado em Lingüística. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

SANTOS, H.P. *Dicionário Espanhol-Português*. Edição Especial. São Paulo: Editora LEP S. A., 1960.

STURZA, Eliana Rosa. Línguas de Fronteira: o desconhecido território das práticas lingüísticas nas fronteiras brasileiras. *Ciência e Cultura*, São Paulo, p. 47-50, 2005.

THUN, Harald. La geolingüística como lingüística variacional general (con ejemplos del Atlas Linguístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). In: INTERNACIONAL CONGRESS OF ROMANCE LINGUISTICS AND PHILOLOGY, 21., 1995, Palermo. *Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza.* Tübingen: Niemeyer, 1998. p. 701-729; p.787-789.

_____. O português americano fora do Brasil. In: GÄRTNER, Eberhard; HUNDT, Christine; SCHÖNBERGER, Axel (Eds). *Estudos de Geolingüística do português americano*. Frankfurt am Main: TFM, v. 15, 2000, p. 185-227.